

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE LETRAS

IZABELLY VIEIRA DA SILVEIRA

**ASPECTOS DA MORFOLOGIA VERBAL DO CABOVERDIANO E DO
GUINEENSE**

Recife
2024

IZABELLY VIEIRA DA SILVEIRA

**ASPECTOS DA MORFOLOGIA VERBAL DO CABOVERDIANO E DO
GUINEENSE**

Trabalho de Conclusão apresentado ao Curso de Graduação em Letras Bacharelado como parcial para obtenção do título de Bacharel em Letras Português.

Orientadora: Dra. Maria Luisa de Andrade Freitas

Recife
2024

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do programa de geração automática do SIB/UFPE

Silveira, Izabelly Vieira da.

ASPECTOS DA MORFOLOGIA VERBAL DO CABOVERDIANO E DO
GUINEENSE / Izabelly Vieira da Silveira. - Recife, 2024.

38 p. : il., tab.

Orientador(a): Maria Luisa de Andrade Freitas

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de
Pernambuco, Centro de Artes e Comunicação, Letras - Bacharelado, 2024.

Inclui referências.

1. Alta Guiné. 2. Línguas Crioulas. 3. Morfologia verbal. I. Freitas, Maria
Luisa de Andrade . (Orientação). II. Título.

410 CDD (22.ed.)

IZABELLY VIEIRA DA SILVEIRA

ASPECTOS DA MORFOLOGIA VERBAL DO CABOVERDIANO E DO GUINEENSE

Monografia apresentada ao Curso de Bacharelado em Letras da Universidade Federal de Pernambuco como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Letras/Português.

Data: __/__/20__

Profa. Dra. Maria Luisa de Andrade Freitas (Orientadora)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Dr. Marcelo Amorim Sibaldo (Examinador Interno)
Universidade Federal de Pernambuco

À minha mãe

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais. Ao meu pai, por ser um exemplo de que com determinação somos capazes de ir longe. À minha mãe, Maria do Socorro, por ter me ensinado a ser quem eu sou hoje e por ter construído um caminho em que a educação sempre estivesse em primeiro lugar. Além de mãe, foi a minha melhor amiga e a melhor companhia para assistir a um novo amanhecer. Infelizmente, não pôde acompanhar o final da jornada da graduação, mas soube em vida do meu fascínio pelo meu objeto de estudo. Dedico este trabalho à sua memória.

Agradeço à minha orientadora, Profa. Dra. Maria Luísa de Andrade Freitas, por tantas horas que foram dedicadas à orientação deste trabalho e por trocas que foram proveitosas dentro e fora da academia. Malu é um exemplo de uma pessoa com um coração enorme e que sempre está aberta para ajudar, orientar e compreender a situação de cada um. Apenas tenho que agradecê-la por ter sido tão paciente, compreensiva e gentil nessa jornada. Obrigada.

Agradeço à minha família. Às minhas tias, Liduina, Delmira e Joana, por sempre acreditarem no meu potencial e torcerem para alcançar as minhas metas, e vibrar com a realização de cada uma delas. Sempre serei grata por todo apoio, amor e carinho. Às minhas primas, Aline e Amanda, e sobrinha, Luiza, que me inspiram a ser cada vez melhor. Aos meus tios, Julio e André, por acreditarem em mim.

Agradeço à minha dupla da graduação, Isabel. Com Isabel trilhei quase todo o percurso da graduação, sendo a minha confidente nas horas de desespero por algum trabalho e também uma das minhas fontes de inspiração. Sou grata pela parceria, risadas, e amor envolvido. Com toda a certeza, o percurso foi mais leve com ela ao meu lado.

Agradeço aos meus amigos, dentro e fora da universidade, que são uma segunda família pra mim. Agradeço por acompanharem essa jornada acadêmica — e tantas outras —, por serem um suporte para os momentos difíceis e por acreditarem em mim. Não tenho palavras para descrever toda a gratidão que sinto por cada um de vocês.

RESUMO

Este trabalho objetiva analisar a morfologia verbal de duas línguas crioulas de base lexical portuguesa situadas na região da Alta Guiné, no continente africano. A partir das propostas de Bakker (2008); Bakker, Post e Der Voort (1994); Crowley (2008); Greenberg (1966); Hall (1962); e Hall Jr. (1966), discutiremos questões relacionadas à gênese de línguas crioulas e às suas particularidades gramaticais, buscando situar, especificamente, o contexto sócio-histórico da região geopolítica em foco neste estudo. Para a análise das línguas, foram levantados dados de diferentes trabalhos, como os de Alexandre (2009), Lang (2013, 2018) e Intumbo (2007), que contemplavam desde aspectos sócio-históricos dessas línguas até descrições gramaticais detalhadas, dados de fala, narrativas e gêneros literários. A nossa análise aborda, de maneira contrastiva, as partículas pré-verbais e os sufixos utilizados para a marcação de tempo, aspecto e modo (TAM) nas duas línguas, definindo o seu comportamento morfossintático e semântico. Estabelecemos, ainda, um paralelo em relação à morfologia verbal da língua portuguesa, descrevendo semelhanças e diferenças, a partir de uma perspectiva tipológica (Greenberg, 1966; Couto, 2017; Crowley, 2008; Muysken; Smith, 1994).

Palavras-chave: Alta Guiné. Línguas crioulas. Morfologia verbal.

ABSTRACT

This paper aims to analyze the verbal morphology of two Portuguese-based creole languages located in the region of Upper Guinea, on the African continent. Based on the proposals of Bakker (2008); Bakker, Post and Der Voort (1994); Crowley (2008); Greenberg (1966); Hall (1962); and Hall Jr. (1966), we will discuss issues related to the genesis of creole languages and their grammatical particularities, seeking to situate, specifically, the socio-historical context of the geopolitical region in focus in this study. In order to analyze the languages, data was gathered from different works, such as those by Alexandre (2009), Lang (2013, 2018) and Intumbo (2007), which covered everything from the socio-historical aspects of these languages to detailed grammatical descriptions, speech data, narratives and literary genres. Our analysis contrasts the pre-verbal particles and suffixes used to mark time, aspect and mode (TAM) in the two languages, defining their morphosyntactic and semantic behavior. We also established a parallel in relation to the verbal morphology of the Portuguese language, describing similarities and differences from a typological perspective (Greenberg, 1966; Couto, 2017; Crowley, 2008; Muysken; Smith, 1994).

Keywords: Creole languages. Verbal morphology. Upper Guinea.

LISTA DE MAPAS

MAPA 1 - Distribuição das Línguas Crioulas em África.....	18
MAPA 2 - Rotas marítimas de Portugal durante as Grandes Navegações.....	20

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 - Morfologia verbal do caboverdiano.....	25
TABELA 2 - Marcadores de tempo e de aspecto no guineense.....	28

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

1PS:	Primeira pessoa singular
2PS:	Segunda pessoa singular
3PP:	Terceira pessoa plural
3PS	Terceira pessoa singular
ADJ:	Adjetivo
ANT:	Anterior
ASP:	Aspecto
CAB.:	Caboverdiano
COMP:	Complementador
CONJ.:	Conjunção
COP:	Cópula
EMPH:	Ênfase
ENF.:	Enfático
EPIS.:	Modo epistêmico
FUT.:	Futuro
GUI.:	Guineense
HAB.:	Habitual
INT.:	Partícula interrogativa
IPFV.:	Imperfectivo
MOD.:	Modal
N-PASS.:	Não-passado
NEG.:	Partícula negativa
OBJ.:	Objeto direto
PASS.:	Passado
POSS.:	Possessivo
PREP.:	Preposição
PROG.:	Progressivo
RED:	Reduplicação
REL.:	Relativa
SBJV:	Subjuntivo

SG.: Sintagma

SUJ.: Sujeito

V.: Verbo

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	10
2 LINGUÍSTICA DE CONTATO E A GÊNESE DAS LÍNGUAS CRIOULAS..	12
2.1 CARACTERÍSTICAS GRAMATICAIS E TIPOLÓGICAS DAS LÍNGUAS CRIOULAS.....	15
3. CONTEXTOS SOCIOHISTÓRICOS DA FORMAÇÃO DO CABOVERDIANO E DO GUINEENSE.....	18
3.1 CABOVERDIANO.....	20
3.2 GUINEENSE.....	21
4. DESCRIÇÃO DAS LÍNGUAS.....	23
4. 1 MORFOLOGIA VERBAL DO CABOVERDIANO.....	23
4.2 MORFOLOGIA VERBAL DO GUINEENSE.....	26
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	31
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	32

1 INTRODUÇÃO

Esta monografia tem como objetivo descrever e analisar a morfologia verbal de duas línguas crioulas de base lexical portuguesa: o caboverdiano e o guineense, ambas situadas na costa oeste do continente africano, em Cabo Verde e Guiné-Bissau, respectivamente. As línguas crioulas surgem em contextos de intenso contato linguístico entre duas línguas mutuamente ininteligíveis, o que pode vir a resultar em particularidades morfológicas e sintáticas que as diferenciam das línguas que contribuíram para sua formação. Este trabalho propõe uma análise comparativa das estruturas morfológicas referentes à marcação de tempo, aspecto e modo (TAM) presente nas línguas crioulas de Cabo Verde e Guiné-Bissau e tem como objetivo indicar pontos de divergência e de convergência em relação ao português, a língua que lhes forneceu o componente lexical.

A base teórica desta pesquisa está fundamentada na área da Linguística Comparada, que, conforme Duchowny (2012, p. 8), visa à identificação das semelhanças, das diferenças e das inter-relações entre duas ou mais línguas, assim sendo possível identificar padrões e regularidades gramaticais.

O *corpus* desta pesquisa é composto por dados secundários provenientes de trabalhos publicados na internet ao longo dos últimos trinta anos, envolvendo tanto descrições quanto dados linguísticos extraídos de fala espontânea, tarefas de gramaticalidade e de textos escritos de distintos gêneros, especialmente narrativas que versam temas do cotidiano, assim como aquelas mitológicas. A partir desse material, foi criada uma base de dados de um conjunto de sentenças que exemplificam a marcação de tempo, aspecto e modo (doravante TAM) em diferentes verbos das línguas estudadas. Autores como Bickerton (1984), Degraff (2005), Hall Jr. (1966), Greenberg (1966), Bakker (1994, 2008), bem como os trabalhos de Alexandre (2009), Intumbo (2007) e Lang (2018), foram imprescindíveis para esta análise.

Ademais, esta pesquisa tem como objetivo investigar como as línguas africanas locais impactam a morfologia do caboverdiano e do guineense. No caso dessas línguas, ambas apresentam uma variedade de partículas e sufixos usados para a marcação de TAM que tornam evidente tanto a herança do português quanto as influências de línguas africanas que serviram como substrato das línguas citadas

acima. No caso do guineense, temos influências diretas de línguas que fazem parte da família Níger-Congo (grupos Mande e Atlântico), como o balanta, o fula e o mandinga, havendo no país — Guiné-Bissau — um total de 22 línguas. Já no caboverdiano, temos como substrato o Wolof, o Mandinga, o Malinké, o Bambaran, entre outras línguas. Isso sugere uma interação complexa entre os diferentes sistemas linguísticos, o que será aprofundado ao longo desta monografia.

Estruturalmente, esta monografia organiza-se da seguinte maneira:

O primeiro capítulo apresenta um breve panorama acerca do campo da Linguística de Contato e da gênese das línguas crioulas. Inicialmente, discute-se acerca do contato linguístico e da classificação das línguas de contato, trazendo-se discussões de como o contato linguístico compulsório pode resultar no uso de empréstimos e, posteriormente, na mudança radical do cenário linguístico. Em seguida, detalha-se a conceituação e a formação do *pidgin*, apresentando-se brevemente seus tipos, as suas principais características e o processo de transição de um *pidgin* para um crioulo. Além disso, discutimos, ainda, a gênese das línguas crioulas, o processo de criouliização e as principais diferenciações entre *pidgins* e línguas crioulas. Ao final do capítulo, o campo da tipologia linguística é apresentado, juntamente com a sua importância para a identificação dos universais tipológicos das línguas crioulas, assim como são discutidas as características gramaticais presentes nessas línguas.

O segundo capítulo apresenta, de um ponto de vista sócio-histórico, a região da Alta Guiné, situando quais países fazem parte dessa região, além do contexto geopolítico e histórico que envolve diretamente o processo colonial e imperialista português. Na primeira parte do capítulo, o foco está na contextualização das rotas marítimas do período colonial de Portugal e em como esse contato entre os povos nativos foi estabelecido.

O terceiro capítulo é dedicado à descrição aprofundada das línguas crioulas caboverdiano e guineense, tendo como foco a morfologia verbal. Primeiramente, serão exploradas as marcas de tempo, aspecto e modo no caboverdiano, incluindo o uso das partículas *ta*, *sa ta* e do sufixo *-ba*. Em seguida, será feita uma análise da morfologia verbal no guineense, destacando o uso das partículas *na*, *ba*, *dja* e sua função na estruturação do sistema TAM. Serão utilizados exemplos extraídos de

corpora e estudos de Intumbo (2007) e Lang (2013, 2018), que ilustram o comportamento morfológico dessas línguas.

2 LINGUÍSTICA DE CONTATO E A GÊNESE DAS LÍNGUAS CRIOULAS

Podemos definir *contato linguístico* como a situação em que duas ou mais línguas ou dialetos que se encontram em proximidade física ou social se influenciam mutuamente. Esse contato pode ocorrer por razões geográficas, políticas, sociais e, mais recentemente, tecnológicas, visto que a internet proporciona um ambiente em que se tem acesso amplo a línguas diversas.

As línguas em contato podem ser caracterizadas como *substrato*, *superstrato* ou *adstrato*. O *substrato* seria a língua de um povo dominado quando esta é substituída pela do povo dominante, como seria o caso de línguas nativas em regiões que passaram pelo processo de colonização. Enquanto isso, o *superstrato* seria a língua do dominador que “[...] contribui essencialmente com o léxico para sua formação, enquanto as línguas dos dominados ou substratos fornece a gramática (fonética, morfologia e sintaxe)” (Mané, 2007, p. 97). Já o *adstrato* refere-se às línguas “[...] de grupos invadidos ou invasores que não são dominantes nem subordinados na situação de contato.” (Thomason; Kaufman, 1988, p. 116, tradução nossa).

O contato proporciona a influência entre línguas em suas mais variadas gradações, desde uma variação fonética até a criação de uma nova língua para a comunicação comum de dois ou mais povos. Um dos processos mais comuns decorrentes do contato é o empréstimo, em que “[...] a língua receptora (quase) sempre obtém palavras de empréstimo antes de estrutura, enquanto na interferência induzida por mudança a língua receptora — isto é, a língua-alvo para os falantes que mudam — obtém mais estrutura do que vocabulário.” (Thomason, 2008, p. 252, tradução nossa). Tal processo se dá tanto por não haver palavras equivalentes na língua nativa quanto por questões políticas de prestígio, quando se incorporam palavras de uma língua politicamente mais poderosa.

A dinâmica do contato linguístico ocorre como no seguinte esquema: *monolinguismo* → *bilinguismo* → *monolinguismo*. Na primeira situação linguística, “[...] uma comunidade monolíngue pode tornar-se bilíngue pela conservação da sua

língua autóctone (manutenção da língua) e da língua forasteira, e manter-se como estável, pelo menos por um curto período.” (Lopes, 2011, p. 14). Há distintos resultados provenientes desse tipo de dinâmica, sendo um deles a mistura de línguas, que pode resultar em línguas mistas bilíngues, *pidgins* e crioulos, termo esse que apesar de carregado de conotações históricas pejorativas, é usado no campo da Linguística de Contato para designar línguas que surgiram em contextos de contato compulsório, especialmente coloniais, marcando sua complexa origem sociocultural..

Segundo Mané (2007, p. 95), o contato linguístico pode ser estabelecido em diferentes contextos de relações socioeconômicas. Por exemplo, no território de Cabo Verde, há sociedades de plantação; enquanto que, na Guiné-Bissau, o contato com o colonizador vindo de Portugal aconteceu nos fortes costeiros da região da Alta Guiné.

No contexto da colonização, em que o contato linguístico compulsório é intenso entre distintas comunidades de fala, temos a formação dos *pidgins*, que, segundo Bickerton (1984, p. 173), são línguas auxiliares que surgem quando falantes de duas ou mais línguas ininteligíveis entre si entram em contato. Dessa forma, nesse contexto, os *pidgins* são o resultado da imposição da língua de um povo conquistador sobre dois ou mais povos conquistados e as suas respectivas línguas. (Couto, 1999 *apud* Mané, 2007). Em consonância com as definições acima, Crowley (2008, p. 75), além de utilizar o termo *pidgin* para designar línguas de contato de curta duração extremamente simples, aponta que os *pidgins* podem ser também variedades estruturais e lexicais mais amplas utilizadas por um período maior de tempo, sendo, por meio delas, possível executar mais funções.

Há diferentes tipos de *pidgins* e cada um deles se diferencia conforme a situação social em que é utilizado. Por exemplo, os *pidgins* “marítimos ou náuticos” são o resultado da comunicação dos marinheiros com falantes nativos de outras línguas, seja a bordo de navios, seja com pessoas que vivem na região costeira. Já os chamados *pidgins* “de força de trabalho” surgem quando existe um contato entre povos colonizadores e trabalhadores locais (Bakker, 1994, p. 27-28, tradução nossa). Além destas classificações, Bakker (1994) destaca, ainda, as línguas de contato interétnico e os *pidgins* “funcionais”, criados de forma proposital. Tais

classificações contribuem para compreendermos melhor o surgimento dos *pidgins* nos territórios de Cabo Verde e de Guiné-Bissau.

Aprioristicamente, *pidgins* não têm falantes nativos, uma vez que surgem em contextos de comunicação emergencial. Por conta da sua formação breve, um *pidgin* é essencialmente reduzido em seus aspectos de pronúncia, gramática e léxico (Hall Jr., 1966, p. 25). Logo, um *pidgin* não é a língua materna de nenhum de seus falantes, tendo, muitas vezes, um *status* provisório, além de não ter uma sintaxe estruturada, se caracterizando por utilizar o léxico do povo socioeconomicamente superior e elementos sintáticos da língua materna do falante.

De um ponto de vista estrutural, temos que os *pidgins* “[...] mostram uma marcação muito menos uniforme de TAM, e nenhum *pidgin* exhibe algo similar ao sistema TAM encontrado em crioulos” (Bakker, 2008, p. 142, tradução nossa). Tal característica é uma das que mais diferencia esses dois sistemas.

É necessária uma série de critérios para reconhecermos um processo linguístico como *pidgin* e não apenas uma situação pidginizante, isto é, “[...] qualquer redução consistente das funções da linguagem, tanto em sua gramática quanto em seu uso” (Samarin, 1971, p. 126, tradução nossa). Nesse contexto, a comunicação pode ser estabelecida a partir de um vocabulário reduzido, mantendo o seu caráter funcional.

Há diversas teorias acerca da gênese das línguas crioulas, como a proposta de Robert Hall (1962), que consiste em um processo de nativização do *pidgin*, quer dizer, a aquisição por uma ou duas gerações de falantes como primeira língua, de forma que temos uma transição gradativa de um *pidgin* para uma língua crioula, uma vez que a sua gramática vai ficando ainda mais complexa. O linguista dinamarquês Peter Bakker, no livro *The Handbook of Pidgin and Creole Studies*, publicado em 2008, corrobora tal teoria ao definir que um *pidgin* pode se transformar em um *pidgincrioulo*, quando ele se torna a língua principal de uma comunidade de falantes e/ou quando tem o *status* de língua materna (L1) para um falante. Em consonância, Versteegh (2008, p. 163, tradução nossa) indica que o “[...] *input* para um processo de criouliização pode consistir em uma variedade *pidginizada*, mas também de outros tipos de entrada não nativa”.

Partindo disso, Couto (1996) afirma que o processo de criouliização consiste na estabilização de um *pidgin* em uma dada comunidade de fala, de modo que tal

língua auxiliar passa a ser a língua materna ou vernacular de uma segunda ou terceira geração desse grupo de falantes. Em uma primeira geração, temos falantes bilíngues no crioulo incipiente (em fase inicial) e nas suas línguas ancestrais, “[...] embora a fluência na última estivesse diminuindo em um número crescente de casos — um sinal dos primeiros estágios de erosão linguística devido a uma mudança para o crioulo” (Veenstra, 2008, p. 232, tradução nossa). Tal processo de erosão, ou seja, a perda linguística ocorre de forma gradual, que, segundo Winford (2003, p. 258 *apud* Malta, 2019, p. 65) segue os seguintes estágios: (i) a L1 é o único sistema linguístico de que o falante dispõe; (ii) a L1 concorre com a L2, período de transição de monolinguismo a bilinguismo, em que o uso da L1 é restrito a ambientes informais, enquanto a L2 é a língua oficial; (iii) há uma permanente diglossia, a maioria dos falantes adotam a L2 em detrimento da L1, apontando para o seu apagamento e perda; e (iv) e (v) a proficiência da comunidade de fala na L1 original é cada vez mais limitada, culminando na completa extinção da L1 e na consequente substituição pela L2.

No processo transição de *pidgin* para crioulo, uma das principais mudanças seria a (re)expansão tanto da estrutura quanto do vocabulário (Hall Jr., 1966, p. 25). Desse modo, uma língua crioula é mais complexa do que o *pidgin* de um ponto de vista gramatical e, por meio dela, é possível transmitir mensagens mais complexas. Ainda assim, as línguas crioulas teriam uma gramática relativamente simplificada em comparação com as línguas de *substrato* (do povo dominado) e *superstrato* (do povo dominante) de sua formação.

Podemos definir uma língua crioula como sendo o resultado de um processo de pidginização que precede a nativização. Sendo assim, temos uma gramática na qual é possível identificar um vocabulário estabilizado e amplo, além de termos uma língua utilizada como língua materna de uma dada comunidade de falantes.

2.1 CARACTERÍSTICAS GRAMATICAIS E TIPOLÓGICAS DAS LÍNGUAS CRIOULAS

No domínio gramatical, é possível identificar características típicas das línguas crioulas, como pouca ou completa ausência de flexão gramatical. Por exemplo, em crioulo de Cabo Verde, temos a ausência de flexão de pessoa, número,

modo, tempo e aspecto, o que acarreta no uso de partículas para indicar exclusivamente características dêiticas (Alexandre, 2005; Pereira, 2006; Lucchesi, 2004; Quint, 2008; Lucchesi; Baxter; Silva, 2009 *apud* Lopes, 2011, p. 419).

Portanto, as línguas crioulas,

[...] embora [...] não sejam de forma exclusiva isolantes em suas morfologias, [...], constituem uma proporção considerável do número total de línguas isolantes no mundo e são geralmente morfologicamente mais simples do que qualquer uma das línguas que constituíram parte da mistura linguística da qual se desenvolveram em primeiro lugar (Crowley, 2008, p. 76).

Deve-se destacar que existem três tipos de tipologias morfológicas, sendo elas: isolantes, aglutinantes e flexionais. O tipo isolante apresenta pouca morfologia e é simples, enquanto as línguas do tipo aglutinante caracterizam-se, segundo Mello (2007, p. 76), como aquelas que têm “[...] muitas palavras polimórficas, porém, cada morfema carrega apenas um significado lexical ou uma função gramatical [...]”. Por fim, o tipo flexional é responsável por marcar flexões de ordem gramatical, podendo ser tanto nominais quanto verbais.

A tipologia linguística é um campo de estudos que se dedica a classificar e a comparar as línguas, tendo como ponto de partida as suas características estruturais e funcionais. Segundo Greenberg (1966), é por meio da classificação tipológica que torna-se possível formular e identificar universais linguísticos. No caso desta análise, iremos apresentar os universais linguísticos das línguas crioulas, como: o fato delas compartilharem a tendência à ordem SVO (sujeito-verbo-objeto); a presença de partículas de tempo, aspecto e modo; a pouca ou completa ausência de morfologia de concordância verbal, ou pouca morfologia; entre outras (Couto, 2017, p. 18-19).

A simplificação estrutural presente nos crioulos pode implicar, como elenca Crowley (2008, p. 77, tradução nossa), aspectos gramaticais, sendo alguns deles considerados universais: a) ausência quase total de morfologia flexional; b) a ausência quase total de informações morfológicas codificadas redundantemente; c) pouca ou nenhuma morfologia derivacional; d) aproximação próxima de uma forma, um significado no sentido de que há uma completa ausência de morfemas portmanteau (reconhecendo que formas multifuncionais ainda podem ser frequentes); e e) a ausência quase total de irregularidade morfológica e suplementação, uma quantidade mínima de variação alomórfica.

A ordem dos constituintes SVO ocorre, segundo Winford (2008, p. 21), nos “[...] três tipos básicos de frases — declarativas, interrogativas sim/não, imperativas”, devido ao fato de ser uma ordem mais simples, uma vez que “[...] refletem as estruturas linguísticas mais básicas” (Muysken; Smith, 1994, p. 11, tradução nossa). Tal ordem está presente tanto no crioulo de Cabo Verde quanto no da Guiné-Bissau, assim sendo possível estabelecer uma ligação direta com a língua lexificadora desses crioulos, neste caso o português, que apresenta a mesma estrutura oracional.

Devido à pouca morfologia de concordância verbal, é comum se identificar a presença de partículas para a marcação de TAM nas línguas crioulas, onde “[...] há um número limitado de morfemas gramaticalizados, que são quase sempre pré-verbais, que sempre aparecem na mesma ordem e que aparentemente têm os mesmos valores semânticos” (Bakker; Post; der Voort, 1994, p. 248, tradução nossa). De um ponto de vista tipológico, esse tipo sistema de marcação de TAM costuma ser encontrado “[...] em línguas crioulas que surgiram em lugares geograficamente separados, sob circunstâncias diferentes e com línguas de entrada completamente não relacionadas” (Bakker; Post; der Voort, 1994, p. 248, tradução nossa).

Há diversas teorias acerca da gênese do sistema TAM em línguas crioulas. Uma delas seria a relação direta com os substratos que contribuíram para sua formação, principalmente na região que compreende a costa leste de África, onde as línguas exibem sistemas TAM semelhantes, embora não idênticos (Alleyne, 1980 *apud* Bakker; Post; der Voort, 1994, p. 249). Tipologicamente, a influência desses substratos permitiria em uma diversidade de características que coexistem em uma dada língua. Por fim, pode-se afirmar que “[...] todos os crioulos possuem um sistema gramaticalizado que consiste em pelo menos três marcadores: um para o tempo, um para o modo e um para o aspecto” (Bakker; Post; der Voort, 1994, p. 258, tradução nossa).

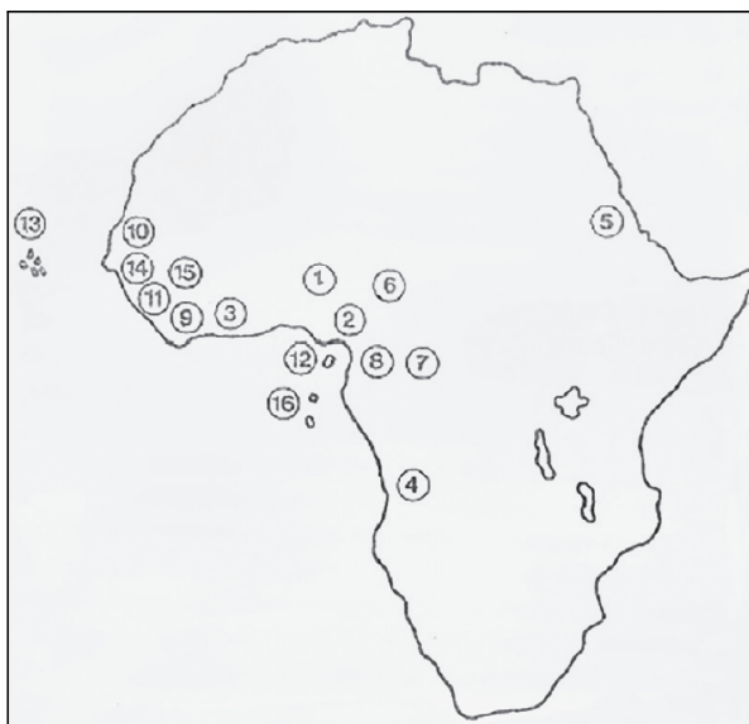
3. CONTEXTOS SOCIOHISTÓRICOS DA FORMAÇÃO DO CABOVERDIANO E DO GUINEENSE

A presente seção dedica-se a construir um panorama socio-histórico das línguas crioulas situadas na região conhecida como Alta Guiné, uma vez que tal percurso está diretamente ligado ao cenário linguístico em foco neste estudo.

A Alta Guiné é uma região africana que compreende a costa ocidental deste continente e que abrange Cabo Verde, Guiné-Bissau, Senegal e Gâmbia. As línguas crioulas melhor descritas na região são o Caboverdiano e o Guineense — ou Crioulo de Guiné-Bissau —, que serão abordadas a seguir. Existem, ainda, os crioulos de Casamansa (no Senegal) e de Gâmbia, acerca dos quais há divergências sobre seu *status* como língua independente ou apenas variedades dos crioulos de Cabo Verde e da Guiné-Bissau (Cardoso; Hagemeijer; Alexandre, 2015).

Além da região acima pode-se perceber a presença de outras línguas crioulas de todo o território africano, sendo possível analisar no mapa abaixo:

MAPA 1 - Distribuição das Línguas Crioulas em África



Legenda: 1. Pidgin inglês da Nigéria; 2. Pidgin inglês de Camarões; 3. Pidgin inglês da Costa do Marfim; 4. Pretuguês de Angola; 5. Pidgin italiano da Etiópia; 6. Pidgin haussa da Nigéria; 7. Sango pidgin da República Centro Africana; 8. Ewondo pidgin de Camarões; 9. Dyla pidgin da Costa de Marfim; 10. Crioulo inglês da Gâmbia; 11. Pidgin Sibéria; 12. Crioulo inglês da ilha de Fernando; 13. Crioulo português de Cabo Verde; 14. Crioulo do Senegal; 15. Crioulo da Guiné; 16. Crioulo português de São Tomé e Príncipe.

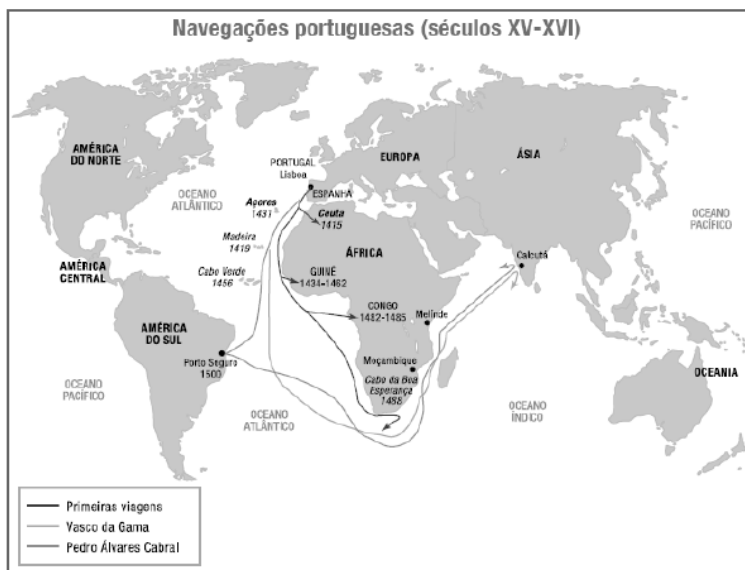
Fonte: Tarallo e Alkmim (1987, p. 93) *apud* Timbane (2017, p. 24).

Os processos de contato e consequente criação de *pidgins* e de crioulos de base lexical portuguesa estão muito alinhados ao contexto geopolítico da época dos “descobrimentos”. A partir do século XV, temos a progressiva exploração dos oceanos com o objetivo de expandir as rotas de comércio das nações europeias, como também o tráfico negreiro que foi ganhando cada vez mais força nessa época devido ao financiamento intensivo dessas nações. Um dos países que ganhou notoriedade nesse processo foi Portugal, com uma das maiores frotas marítimas da Europa. Posto isso, torna-se essencial comentar que a ação portuguesa contínua na costa oeste africana permitiu um contato intenso e duradouro com os povos tradicionais.

De fato, a condição geográfica é relevante na classificação das línguas crioulas de base portuguesa, assim como o tipo de línguas do povo dominado, que estavam presentes na época de formação dos crioulos (Pereira, 2006). Tanto a influência do substrato quanto a da história de colonização permitem ampliar o conhecimento acerca dessas línguas, segundo Holm (1989, p. 272 *apud* Costa, 2014, p. 42):

As ilhas de Cabo Verde foram povoadas por escravos da Guiné-Bissau falando línguas do oeste Atlântico e Mandes, enquanto que as ilhas do Golfo da Guiné foram povoadas por escravos de áreas da África continental onde línguas Kwa e Bantu eram faladas. Ambos os grupos de línguas de substrato estão dentro da família Niger-Congo, então há certas similaridades estruturais básicas entre os crioulos da Alta Guiné e do Golfo da Guiné [...]. Entretanto, os dois grupos de crioulos portugueses também têm significativas diferenças estruturais [...] (Holm, 1989, p. 272, tradução do autor).

Tendo em consideração que as principais rotas marítimas portuguesas abrangiam uma área que ia desde a costa oeste do continente africano até o leste asiático, observa-se a ação opressora portuguesa em relação aos povos dominados em um contexto de colonização, principalmente no continente africano. Durante a Era dos “Descobrimentos”, que data dos séculos XV e XVI, temos o domínio colonial que conectava Portugal com os continentes africano, asiático e americano, como é possível visualizar no mapa abaixo:

MAPA 2 - Rotas marítimas de Portugal durante as Grandes Navegações

Fonte: Pazzinato e Senise (1997).

Paralelamente, temos a situação que torna emergencial a necessidade da comunicação entre os povos dominados, além de estabelecer uma relação de poder entre os povos dominados e o povo dominador. A partir da pidginização, surge uma terceira língua na tentativa de contornar a falta de compreensão entre os povos que, após gerações sucessivas e uma sistematização mais complexa, ganha a denominação de língua crioula de base portuguesa.

Para termos uma ideia da dominância e das consequências das Grandes Navegações portuguesas pelo mundo, pode-se encontrar línguas crioulas de base lexical portuguesa desde o norte da África até o continente asiático, principalmente na Índia, onde ocorreu um contato mais intenso entre os portugueses e os povos que lá viviam. Apesar do declínio no número de pessoas falando essas línguas crioulas luso-asiáticas (como o diu, o samai e o karlai), ainda é possível identificá-las em certas áreas. Segundo Cardoso, Hagemeijer e Alexandre (2015, p. 668), “[...] os crioulos luso-asiáticos estenderam-se um pouco por toda a costa asiática, incluindo a área insular do sudeste asiático, mas tiveram particular incidência na Ásia meridional e no sudeste asiático”. A língua crioula mais evidente no sudeste asiático e na Ásia oriental é o Macau, que ainda é falado com fluência nativa, assim sendo uma das poucas línguas crioulas de base portuguesa que ainda sobrevivem no continente inteiro.

Segundo Hagemeijer e Alexandre (2012), a região da Alta Guiné foi a pioneira no processo de colonização e ocupação no arquipélago de Cabo Verde, invadido em 1462, sendo seguida pelas ilhas de Fogo, Maio e Brava. Apenas muito posteriormente, as ilhas de S. Antão, S. Nicolau, S. Vicente, Sal e Boavista foram povoadas (as três últimas só a partir do século XVIII).

3.1 CABOVERDIANO

Na região conhecida como Alta Guiné, o crioulo do arquipélago de Cabo Verde ganha notoriedade pelo fato de ser considerado a língua materna de quase todos os caboverdianos, embora continue sem o *status* de língua oficial de Cabo Verde, visto que o português é o único idioma que ocupa essa posição. Segundo Lopes (2011), a comunidade de fala do arquipélago é marcada por diversos níveis de bilinguismo, ou seja, a língua vernacular, que é o caboverdiano, coexiste com a L2 — o português. Vale destacar que a língua oficial do país é utilizada em contextos formais, nos documentos oficiais, no ensino e na imprensa; enquanto a língua vernacular é falada em contextos informais.

Composto por dez ilhas, o arquipélago de área de 4.033 km² divide-se em dois grandes grupos geopolíticos: Barlavento e Sotavento. O grupo de Barlavento é composto pelas ilhas de Santo Antão, S. Vicente, São Nicolau, Sal, Boavista e Santa Luzia; e o grupo de Sotavento é composto pelas ilhas de Maio, Santiago, Fogo e Brava (Baptista, 2002). De acordo com estimativas do Instituto Nacional de Estatísticas (INE) de Cabo Verde, no ano de 2021, a sua população era de aproximadamente 500 mil habitantes localizados. Deve-se ter em vista que grande parte da população vive em diáspora, observação confirmada pelos de censitários e linguísticos presentes no *Ethnologue*¹, ao demonstrar que mais do que o dobro desse número de falantes (1.194.800) estão distribuídos em diferentes localidades do globo (Kabuverdianu, 2022, on-line).

Diante disso, Zanoli (2014) menciona dois grupos dialetais maiores, que dispõem dos seguintes epicentros linguísticos: a ilha de São Vicente para a região de Barlavento; e, em Sotavento, a Ilha de Santiago, a primeira a ser ocupada no

¹ O *Ethnologue* é uma plataforma ligada ao SIL (Summer Institute of Linguistics) que se propõe a estudar e documentar principalmente, mas não só, línguas minoritárias. A publicação conta com um grande acervo tipológico de diversas línguas, sendo fonte de algumas informações deste trabalho.

arquipélago. Neste trabalho, os dados utilizados na descrição e análise da morfologia verbal do crioulo de Cabo Verde advêm da variedade de Santiago. O caboverdiano tem, segundo Delgado (2009, p. 98), uma diversidade de línguas de substrato, como o Wolof, o Mandinga, o Bambaran, entre outras.

Ao delimitarmos o nosso foco na variedade do crioulo caboverdiano² localizada na ilha de Santiago, buscamos analisar aspectos da morfologia verbal, como o sistema de marcação TAM, a fim de compreendermos se os traços morfossintáticos que regem esse tipo de sistema mantêm relação ou não com aqueles encontrados na sua língua lexificadora, o português. Trata-se de uma língua de ordem SVO (sujeito-verbo-objeto), estando essa tipologia presente na outra língua crioula que será analisada neste trabalho. Deve-se destacar que “[...] a forma de base de um verbo santiaguense é a sua forma morfológica e semanticamente não marcada” (Lang, 2018, n.p), e o contexto situacional determinará se as formas marcadas serão usadas ou não.

3.2 GUINEENSE

Falado majoritariamente na Guiné-Bissau, o guineense é a língua mais falada do país, ainda que, de forma análoga ao Caboverdiano, não seja a língua oficial. Tendo uma população estimada em pouco mais de 2 milhões de habitantes e uma área de 36.125 km², Guiné-Bissau também apresenta o português como língua nacional.

Contudo, segundo o *Ethnologue* (2022), embora o português seja sua língua oficial, apenas cerca de 6 mil habitantes a tem como L1, enquanto outros 391.000 são falantes dela como L2. Em contrapartida, o guineense seria a língua da identidade nacional propriamente dita, com 272 mil falantes de L1 e 1.548.000 falantes de L2. o que representa quase a totalidade de população (Guinea-Bissau, 2022, on-line).

Essa população de falantes de L1 diz respeito basicamente à capital, Bissau. Essa dispersão linguística se dá pelos movimentos migratórios intensos que

² Quanto à produção escrita dessa língua, segundo Cardoso, Hagemeijer e Alexandre (2015), desde a segunda metade do século XIX, há testemunhos escritos do Caboverdiano. Essa produção é muito maior do que a presente nas outras línguas crioulas da Alta Guiné, com produções epistolares e também literárias (Cardoso; Hagemeijer; Alexandre, 2015, p. 675).

permearam a República de Guiné-Bissau. Segundo Intumbo (2007, p. 3), esse território foi refúgio de inúmeros povos durante o movimento de conquistas dos impérios africanos. Ademais, a partir do século XV, Portugal chega a Cabo Verde e à Guiné-Bissau e começa um processo de tráfico de escravos na região, o que manteve os países em contato por séculos e permitiu o contato linguístico e as consequentes línguas crioulas da região. Acrescido a esse fator externo, houve também diversas migrações internas por fatores econômicos que vieram a criar um maior movimento linguístico (Intumbo, 2007, p. 4).

Não há um consenso acerca da origem do guineense, dividindo autores em quatro teorias principais: Lopes da Silva (1957) defende que essa língua teria sido formada em Cabo Verde e transplantada para a Guiné-Bissau; Pinto Bull (1989) apenas refuta esse posicionamento, afirmando que não há um registro de movimento populacional que justifique o movimento linguístico; Naro (1987) defende que um *pidgin* de base portuguesa teria sido criado artificialmente ainda na Europa para ser levado à África como “língua de reconhecimento”; e, por fim, Rouge (1986) defendeu que os crioulos de Cabo Verde e da Guiné-Bissau teriam um protocrioulo comum (Intumbo, 2007, p. 6-8). Contudo, assume-se que o guineense tem como um dos principais substratos o Balanta (Família/Grupo) (Intumbo, 2007, p. 10).

Por fim,

Relativamente à produção escrita em kriyol, salientamos as obras de Pinto Bull (1989), que apresenta vários capítulos com textos didáticos, adivinhas, contos e um glossário, e de Couto (1991), publicação em que o autor reproduz e traduz textos escritos em kriyol (contos, fábulas, adivinhas, provérbios, excertos de textos de rádio e televisão e textos bíblicos, sendo estes últimos os únicos não traduzidos pelo autor) (Cardoso; Hagemeijer; Alexandre, 2015, p. 676).

4. DESCRIÇÃO DAS LÍNGUAS

Nesta seção, propomos uma análise comparativa das estruturas morfológicas que envolvem a marcação de tempo, aspecto e modo nas línguas crioulas de Cabo Verde e da Guiné-Bissau. Assim, esta seção será dividida em duas partes a fim de analisar aspectos da morfologia verbal de ambas as línguas. A primeira seção estará voltada para o caboverdiano, exatamente a variedade encontrada na ilha de

Santiago, enquanto a segunda seção trabalhará com a língua crioula da Guiné-Bissau.

4. 1 MORFOLOGIA VERBAL DO CABOVERDIANO

Alexandre (2009) descreve os seguintes marcadores aspectuais: $\emptyset$ — morfema zero — para perfectivo, *ta* para imperfeito, *sa ta* ou *s'ta* para progressivo; um marcador temporal *-ba*, para o tempo anterior ou passado; e a partícula *ál* para a marcação de eventualidade, sendo esta, segundo a autora, uma das partículas que aparece com menos frequência nas produções tanto orais quanto escritas na variedade de Santiago do crioulo de Cabo Verde, conforme os exemplos abaixo. Lang (2018) descreve três afixos verbais, sendo eles: *-ba*, que indica anterioridade; *-du* [du], indicando passividade; e *-da* [dɛ], que indica anterioridade + passividade, sendo essa uma fusão das desinências *-du* e *-ba*.

Há, ainda, a partícula pré-verbal *ta*, que indica aspecto imperfectivo (perspetiva do estado de coisas desde um ponto anterior ao limite final), sendo descrita como a mais utilizada de todo o sistema (Lang, 2018). Essa partícula consegue também realizar mudanças perceptíveis em construções frasais ou em um único elemento, que, nesse caso, é a oposição inclusiva do tipo “*ta kánta/kánta*” (verbo cantar). Neste caso, a partícula *ta* indica um polo marcado, apontando para uma visão necessariamente “imperfectiva” do estado de coisas, com o observador localizado antes do limite final (e, portanto, eventualmente também antes do limite inicial) do estado de coisas. Por outro lado, apenas o verbo “*kánta*” indica um polo não marcado, que aponta para uma visão indeterminada do estado de coisas, com localização indeterminada do observador (mas visão “perfectiva”, com localização do observador posterior ao limite final do estado de coisas, se não houver indicação em contrário no contexto) (Lang, 2018)

Lang (2018) destaca que a progressividade implica a imperfeição, de tal forma que a partícula *sa* é sempre seguida pelo marcador aspectual *ta*, e a partícula *ta* nem sempre é precedida pela partícula *sa*. Como foi dito anteriormente, a partícula pré-verbal *sa ta* indica aspecto progressivo, sendo, muitas vezes, utilizada

em contextos que implicam duração ou continuidade. O seguinte exemplo irá ilustrar o uso dessa partícula:

- (01) *Ómi ál sa ta trabádja.* (Lang, 2013, APiCS on-line adaptado)
 man MOD PROG IPFV work
 'The man will be working [now].'
 'O homem estará trabalhando [agora].'

O sufixo *-ba* indica um tempo anterior, no que diz respeito ao momento de enunciação em verbos estativos (que indicam condições ou estados), ou relacionado a um outro evento passado em verbos dinâmicos (que dão ideia de movimento), como aponta Lang (2013). Assim, o "[...] efeito semântico temporal produzido por *-ba* (simples passado ou mais-que-perfeito) depende do verbo que é usado" (Lang, 2018, n.p). Também nota-se que as formas em *-ba* correspondem ao mais-que-perfeito simples ou composto do português de Portugal. Podemos ver exemplos do uso dessa partícula a seguir:

- (02) *Es tenba tres fidju.* (Lang, 2013, APiCS on-line adaptado)
 3PL have.ANT three child
 'They had three children.'
 'Eles tiveram três filhos.'

- (03) *Éra un bes un ómi ku si mudjer. Es tenba tres fidju.* (Lang, 2018, n.p)
Kel ómi gostába tántu di si mudjer
ki tudu kusa ki mudjer pidiba-el,
e'ta dába pa pó y pa pédra p'el fartába-el vontádi.

'Era uma vez um homem e a sua mulher. Tinham três filhos.
 O marido gostava tanto da sua mulher que,
 sempre que a mulher lhe pedia alguma coisa,
 movia o Céu e a Terra para satisfazer a sua vontade.'

A partir destes exemplos, notamos que, além da aproximação ao léxico do português, como destaca o autor supracitado, nota-se uma combinação da desinência *-ba* com verbos que indicam estado, como ocorreu com os seguintes termos "tenba" e "gostába". Deve-se salientar o fato de que *-ba* é sufixal em caboverdiano, mas ocorre como uma partícula livre em outras línguas crioulas, como no santomense em que assume a posição pré-verbal.

Já a partícula pré-verbal *ál* indica um desejo e, em alguns casos específicos, pode vir a expressar uma ideia de progressividade, quando acompanhada da

partícula *sa ta* (Lang, 2018). Podemos ver uma expressão de um desejo no exemplo a seguir:

- (04) *Dios ál dá -u sórti!* (Lang, 2013, APiCS, on-line adaptado)
 God MOD give -you luck
 'May God make you lucky!'
 'Que Deus te dê sorte!'

Por fim, temos os marcadores de voz passiva: *-du* e *-da*. A forma *-du* é utilizada com o propósito de evitar a menção do agente, de maneira que transmite um sentido impessoal no tempo presente; enquanto a forma *-da*, por tratar-se de uma fusão das desinências *-du* e *-ba*, mantém a função de passividade com a indicação de anterioridade (passado) (Lang, 2018). Deve-se ter em mente que o uso dessas partículas apenas será necessário quando o contexto não permitir uma dedução de 'passividade' (ou a 'passividade' combinada com a 'anterioridade'). Os seguintes exemplos abaixo ilustram os usos recorrentes desses marcadores:

- (05) *Sa ta kumeda* (Veiga, 1982, p. 119-120 *apud* Lang, 2018, n.p)
kantu bentu labánta y txuba kumesa ta baza na txon.
 'Estava-se a comer,
 quando o vento se levantou e a chuva começou a dar no chão.'
- (06) *Fládu ma Kabuberdíanus gosta di grógu.* (Lang, 2013, APiCS, on-line adaptado)
 say.PASS COMP Cape Verdeans be.fond of rum
 'Cape Verdeans have been said to be fond of rum.'
 'Caboverdianos dizem gostar de rum.'

Deve-se mencionar que, na variante de Santiago, as formas derivadas de verbos por meio da partícula *-du* podem assumir a função de adjetivos verbais, como no exemplo abaixo:

- (07) *Mudjer, rei di prokupádu ku midjóra di si maridu* (Lang, 2018, n.p)
ki ka sa ta txiga, e'ba kása sáibu.
 'A mulher, muito preocupada com as melhoras do seu marido,
 que tardavam em chegar, foi a casa do curandeiro.'

Podemos sintetizar a morfologia verbal da variedade de Santiago do caboverdiano através da Tabela 1.

TABELA 1 - Morfologia verbal do caboverdiano

Partículas	Posição	Categoria gramatical	Significado	Observações
ta	pré-verbal	aspecto	Imperfectivo	Indica hábitos, tempo anterior e presente
sa ta	pré-verbal	aspecto	Progressivo	Progressivo e tempo anterior
ál	pré-verbal	aspecto	Progressivo	Indica desejo ou presunção
-ba	pós-verbal	tempo	Anterioridade	Tempo anterior ou hipóteses
-du	pós-verbal	voz	Passividade	Passividade e tempo presente
-da	pós-verbal	taxe + voz	Anterioridade + passividade	Tempo anterior e passividade

Fonte: Alexandre (2009) e Lang (2013; 2018).

Na posição pré-verbal, teremos as partículas *ta*, *sa ta* e *ál*, todas na categoria gramatical de aspecto. Enquanto *ta* expressa imperfectivo, as partículas *sa ta* e *ál* marcam aspecto progressivo, de forma que podem indicar tempo anterior, presunção e progressivo. Já na posição pós-verbal, temos as partículas *-ba*, *-du* e *-da*. O *-ba* está na categoria de tempo anterior e pode indicar hipótese. O *-du* está na categoria gramatical de voz indicando passividade ou tempo presente. Também temos a partícula *-da*, que indica tempo anterior e também passividade. O uso de cada uma dessas partículas acima depende do contexto de uso em que elas são aplicadas pelos seus falantes.

4.2 MORFOLOGIA VERBAL DO GUINEENSE

Diferentemente do caboverdiano, o crioulo da Guiné-Bissau volta-se para a sua língua de substrato, o balanta, em detrimento do português. Tal língua africana faz parte da família Níger Congo, e é considerada uma das línguas mais importantes do substrato e adstrato do crioulo guineense (Intumbo, 2007). O Balanta trata-se de uma das 22 línguas africanas pertencentes às famílias Atlânticas, sendo falada no norte da Guiné-Bissau e no Senegal.

Observamos uma ausência de morfologia flexional, seja de tempo, modo, aspecto, pessoa ou número. Pessoa e número serão determinados pelos argumentos do verbo, enquanto as partículas *na*, *ba* e *ta* se ocuparão de modificar os verbos em suas características tempo-aspectuais.

Os verbos podem ainda ser não marcados. Sendo assim, quando os verbos sem marcador são estativos, eles costumam designar uma ideia de presente, enquanto os verbos não-estativos costumam remeter a uma ação passada (já acabada). Nos exemplos abaixo, temos o verbo *tene* (ter), estativo, e o verbo *kumpra* (comprar), não estativo:

- (08) *N tene kaneta.* (Intumbo, 2007, p. 57)
 Eu tenho caneta
 'Tenho uma caneta'

- (09) *N kumpra Livru* (Intumbo, 2007, p. 58)
 1PS comprar Livro
 'Comprei um livro'

Vemos, então, a forma lexical do verbo de origem do português, enquanto seus marcadores gramaticais seguem a estrutura de seu substrato.

A partícula *ba* é pós-verbal e indica, primeiramente, um tempo anterior ao que está em foco contextual. Por exemplo, se continuarmos a pensar no verbo estativo *tene*, temos:

- (11) *N tene ba un livru.* (Intumbo, 2007, p. 58)
 1PS ter ANT um livro
 'Tinha um livro'.

Já quando pensamos num tempo mais anterior, ou seja, na ideia de um mais-que-perfeito, utiliza-se a partícula *ba* combinada com *dja*. Por sua liberdade de movimento na frase, essa partícula parece mais próxima de um advérbio do que de um marcador de TAM (INTUMBO, 2007, p. 59). O *dja* tem, portanto, uma função dupla, de tempo mais anterior e, também, de aspecto completivo.

- (12) *N kumpra ba dja un livru.* (Intumbo, 2007, p. 61)
 1s comprar + ANT um livro
 'Tinha comprado um livro.'

- (13) *N kusnha dja aonti par manha.* (Intumbo, 2007, p. 71)
 1s cozinhar TAM ontem PREP manhã
 'Cozinhei ontem de manhã.'

O marcador *ba* pode ser utilizado ainda para uma interpretação confractual, quando colocado numa oração condicional:

- (14) *Si N tarbadja ba anu pasadu N na tene ba dinheru.* (Intumbo, 2007, p. 64)
 se 1PS trabalhar ANT ano passado 1PS PROG ter ANT dinheiro
 'Se eu tivesse trabalhado no ano passado, teria dinheiro agora.'

Além disso, o marcador *ba* pode assumir a função de indicar plural ao ser prefixado aos nomes próprios de pessoas para indicar a sua família e amigos (Kihm, 1994, p. 129 *apud* Intumbo, 2007, p. 37), como podemos observar no exemplo abaixo:

- (15) *Ba Ntoni* (Intumbo, 2007, p. 37)
 3p António
 'António e a sua família e os seus amigos.'

Ainda segundo Intumbo (2007), temos que a partícula pré-verbal *na* indica o aspecto progressivo de uma ação ou estado que está em curso. Uma outra função do *na* não tem uma definição temporal clara, sendo ela uma partícula marcadora de passado, presente ou futuro, de acordo com outros marcadores ou por um advérbio de tempo (Intumbo, 2007, p. 66).

- (16) *N na lei aonti.* (Intumbo, 2007, p. 66)
 1PS PROG ler Ontem.
 'Ontem estava a ler.'

A partícula *na* tem ainda uma relação semântica com o futuro imediato que pode ser justificada pelo seu uso nesse aspecto (Baptista *et al.*, 2007 *apud* Intumbo, 2007, p. 67), como em:

- (17) *Bu na bay Casa amanha.* (Intumbo, 2007, p. 67)
 2PS PROG ir Casa Amanhã
 'Irás para a tua casa amanhã.'

Já a partícula pré-verbal *ta* indica uma situação habitual, isto é, "aquelas situações que são habituais, que ocorrem sempre" (Comrie, 1985, P. 39-41 *apud* Peck, 1988, p. 255 *apud* Intumbo, 2007, p. 69), como em:

- (18) *Pekadur -is ta tarbadja pa e pudi tene di kume.* (Intumbo, 2007, p. 70)
 pessoa PL HAB Trabalhar para 3PS poder ter de comer
 'As pessoas trabalham para poderem ter comida.'

No guineense, a marcação de plural pode ser subentendida pelo contexto ou “[...] indicado morfológicamente através da sufixação do morfema de plural {-s} aos nomes, especialmente os [+ humanos]” (Intumbo, 2007, p. 36). Todas as variedades do crioulo possuem determinantes e os modificadores são invariáveis e, por conta disso, não têm marcação de número. Podemos observar no exemplo a seguir:

- (19) *CG mininu-s djiru ____* (Intumbo, 2007, p. 36)
 menino-PL inteligente:SG
 ‘Uns meninos inteligentes.’

Deve-se destacar que “[...] as formas verbais do crioulo derivam principalmente da terceira pessoa do singular do indicativo presente do português” (Intumbo, 2007, p. 28).

Por fim, se pensarmos no aspecto *irrealis* (em português, expresso pelo futuro, condicional ou conjuntivo), não há um marcador específico, mas podem ser utilizados o progressivo *na* e o habitual *ta*:

- (20) *N kuda bu na (bin) kontenti.* (Intumbo, 2007, p. 73)
 1PS achar 2PS PROG (vir) contente
 ‘Acho que ficarás contente.’
- (21) *Bu ta bin busca N.* (Intumbo, 2007, p. 73)
 2PS HAB vir buscar 1PS
 ‘Venha buscar-me [mais tarde].’

Podemos resumir os marcadores do guineense através da Tabela 2.

TABELA 2 - Marcadores de tempo, de aspecto e de número no guineense

Partículas	Posição	Categoria gramatical	Significado	Observações
na	pré-verbal	aspecto	Progressivo	Progressivo ou referência a um futuro iminente
ta	pré-verbal	aspecto	Habitual	Futuro menos iminente, prospectivo, ou o aspecto habitual
ba	pós-verbal	tempo	Anterior	Tempo anterior, condição ou hipótese

ba dja	pós-verbal	tempo/aspecto	Tempo mais anterior (mais que perfeito) ou aspecto completivo	Tempo mais anterior, para indicar que uma determinada ação decorreu e que se situa num ponto anterior na linha temporal do discurso, a uma outra ação também passada.
---------------	------------	---------------	---	---

Fonte: Adaptada de Intumbo (2007).

Pode-se observar o uso de duas partículas na posição pré-verbal, sendo elas: *na* e *ta*, presentes na categoria gramatical de aspecto. A tabela apresenta partículas com funções distintas: *na* indica o aspecto progressivo ou futuro iminente, enquanto *ta* expressa o aspecto habitual ou futuro menos iminente, prospectivo. Na posição pós-verbal, temos a partícula *ba* marcando tempo anterior, condição ou hipótese, enquanto o *ba dja* refere-se a um tempo mais anterior ou aspecto completivo, indicando uma ação passada anterior a outra. Assim como o caboverdiano, temos uma forte influência do contexto no uso das partículas no crioulo de Guiné-Bissau.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta monografia abordou aspectos da morfologia verbal de duas línguas crioulas, o caboverdiano e o guineense, que compartilham o português como o seu superstrato. Considerando o campo da Linguística de Contato, discutimos como o contato linguístico entre comunidades de fala de línguas ininteligíveis entre si, ao ser motivado por fatores geográficos ou coloniais, pode resultar na formação de *pidgins* e de crioulos. Autores como Mané (2007), Thomason (2008) e Lopes (2011) foram fundamentais para tal discussão. O panorama geopolítico e histórico da região da Alta Guiné tornou evidente como o passado colonial contribuiu para a formação das línguas crioulas em África, destacando o português como o superstrato e a preservação de aspectos linguísticos advindos do período das Grandes Navegações.

O processo de nativização dos *pidgins* para línguas crioulas, assim como a simplificação gramatical e a pouca ou completa ausência de morfologia flexional, destacadas por Greenberg (1966) e Crowley (2008), forneceram a base teórica para a análise de marcação de TAM. Percebemos uma morfologia flexional reduzida em

comparação ao português, na qual apenas o caboverdiano apresenta flexão de TAM (afixos *-ba*, *-da* e *-du*), enquanto o guineense apresenta apenas partículas modificadoras. Ademais, é possível perceber uma semelhança desses afixos e partículas com as desinências do português, como *-ba* (caboverdiano) e *ba* (guineense), que se assemelham ao *-ava*, do pretérito imperfeito do português. Se compararmos as línguas por região, podemos ainda perceber que, por conta de sua proximidade geográfica e consequente semelhança histórica em relação às ocupações, do ponto de vista morfológico, as línguas aqui estudadas se assemelham entre si.

Portanto, a análise aqui apresentada contribui para a compreensão das dinâmicas do campo morfológico das línguas crioulas de base portuguesa, evidenciando tanto a influência do português quanto as adaptações morfológicas específicas de cada uma dessas línguas.

REFERÊNCIAS

ALEXANDRE, Nélia. **Wh-constructions in cape verdean creole**: extensions of the copy theory of movement. 2009. Tese (Doutorado em Linguística) – Departamento de Linguística Geral e Românica, Universidade de Lisboa, Lisboa, 2009.

BAKKER, Peter. Pidgins. *In*: ARENDS, Jacques; MUYSKEN, Pieter; SMITH, Norval (Orgs.). **Pidgins and Creoles**: an introduction. Amsterdam: John Benjamins Publishing, 1994. p. 25-39.

_____. Pidgins versus Creoles and Pidgincreoles. *In*: KOUWENBERG, Silvia; SINGLER, John Victor (Orgs.). **The handbook of Pidgin and Creole studies**. Singapura: Blackwell Publishing, 2008. p. 130-158. ISBN 978-0-631-22902-5.

BAKKER, P.; POST, M.; DER VOORT, H. van. TMA Particles and Auxiliares. *In*: ARENDS, J.; MUYSKEN, P.; SMITH, N. (Orgs.). **Pidgins and Creoles**: an introduction. Amsterdam: John Benjamins Publishing, 1994. p. 247-258. ISBN 978-9027252405.

BAPTISTA, Marlyse. **The syntax of Cape Verdean creole**: The sotavento varieties. Amsterdam; Filadélfia: John Benjamins Publishing, 2002.

BICKERTON, Derek. **Roots of language**. Classics in Linguistics 3. Berlin: Language Science Press, 2016. DOI: 10.17169/langsci.b91.109.

_____. The language bioprogram hypothesis. **The Behavioral and Brain Sciences**, Honolulu, Estados Unidos da América, v. 7, p. 173-221, 1984.

CARDOSO, Hugo C.; HAGEMEIJER, Tjerk; ALEXANDRE, Nélia. Crioulos de base lexical portuguesa. *In*: ILIESCU, Maria; ROEGEST, Eugene (Orgs.). **Manuel des anthologies, corpus et textes romans**. Berlim: De Gruyter, 2015. p. 670–692.

Disponível em:

<https://gabriel.fflch.usp.br/sites/gabriel.fflch.usp.br/files/upload/paginas/Cardoso%26Hagemeijer%26Alexandre%202015.pdf>. Acesso em: 12 out. 2023.

COSTA, Paula Mendes. **Descrição fonológica do crioulo guineense**. 2014. 233 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Artes e Comunicação, Programa de Pós-Graduação em Letras, Recife, 2014.

COUTO, Hildo Honório do. **Contato interlinguístico**: da interação à gramática. 2. ed. Brasília: Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade de Brasília, 2017.

_____. **Introdução ao estudo das línguas crioulas e pidgins**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1996.

_____. Um cenário para criouliização sem pidginização. **Revista Estudos da Linguagem**, São Paulo, v. 7, n. 1, p. 5-30, 1998. Disponível em: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/relin/article/download/2181/2120>. Acesso em: 02 set. 2023.

CROWLEY, Terry. Pidgin and Creole Morphology. In: KOUWENBERG, Silvia; SINGLER, John Victor (Orgs.). **The handbook of Pidgin and Creole studies**. Malden: Wiley-Blackwell, 2008. p. 74-97.

CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. **Gramática do português contemporâneo**. 6. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2013.

DEGRAFF, Michel. Linguists' most dangerous myth: the fallacy of Creole Exceptionalism. **Language in Society**, n. 34, p. 533-591, 2005.

DELGADO, Carlos Alberto. **Crioulos de Base Lexical Portuguesa como factores de identidades em África: o caso de Cabo Verde** (subsídios para uma abordagem metodológica). Praia: Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro, 2009.

DUCHOWNY, Alexia. Definindo Linguística Comparada. In: BRANDÃO, J. *et al.* **Fundamentos de Linguística Comparada**. Belo Horizonte: Faculdade de Letras, 2012.

GREENBERG, Joseph. (Org). **Universals of Language**. 2 ed. Cambridge: MIT Press, 1966.

GUINEA-BISSAU Creole. **Ethnologue**, 2022. Disponível em: <https://www.ethnologue.com/language/pov>. Acesso em: 25 out. 2023.

HAGEMEIJER, Tjerk; ALEXANDRE, Nélia. Os crioulos da Alta Guiné e do Golfo da Guiné: uma comparação sintática. **Papia**, v. 22, n. 2, p. 233-251, 2012.

HALL JR., Robert. **Pidgin and Creole Languages**. Ítaca, Nova Iorque, EUA: Cornell University Press, 1966.

_____. The life cycle of pidgin languages. **Língua**, v. 11, 1962.

INE. **Recenseamento Geral da População e da Habitação: Características Educacionais da População**. Cabo Verde: INE, 2021.

INE. **Recenseamento Geral da População e da Habitação: Características Educacionais da População**. São Tomé: INE, 2013.

INE. **Recenseamento Geral da População e da Habitação: Características Educacionais da População**. Príncipe: INE, 2012.

INTUMBO, Incanha. **Estudo comparativo da morfossintaxe do crioulo guineense, do balanta e do português**. Dissertação (Mestrado em Linguística Descritiva) - Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra, Coimbra, Portugal, 2007.

KABUVERDIANU. **Ethnologue**, 2022. Disponível em: <https://www.ethnologue.com/language/kea>. Acesso em: 25 out. 2023.

LANG, Jürgen. **Gramática do crioulo da ilha de Santiago (Cabo Verde)**. Tübingen: no prelo. 2018.

LANG, Jürgen. **Cape Verdean Creole of Santiago**. In: MICHAELIS *et al.* 2013. Disponível em: <https://apics-online.info/surveys/30>. Acesso em: 24 de abr. 2024.

LOPES, Amália. **As línguas de Cabo Verde: uma radiografia sociolinguística**. Tese (Doutorado em Sociolinguística) - Departamento de Linguística Geral e Românica, Universidade de Lisboa, Lisboa, 2011.

MANÉ, Djiby. **Os crioulos portugueses do Golfo da Guiné: quatro línguas diferentes ou dialetos de uma mesma língua?**. 2007. 309 f. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade de Brasília, Brasília, 2007.

MALTA, Daniela. **A natureza da morfologia de flexão verbal e o parâmetro do sujeito nulo em dados escritos de variedades africanas do português: uma análise contrastiva**. 2019. Dissertação (Mestrado em Letras) - Departamento de Letras, Centro de Artes e Comunicação, Universidade Federal de Pernambuco, 2019.

MONTEIRO, José Lemos. **Morfologia portuguesa**. 4. ed. Campinas: Pontes, 2002.

MUYSKEN, Pieter; SMITH, Norval. The study of pidgin and creole languages. In: ARENDS, Jacques; MUYSKEN, Pieter; SMITH, Norval (Orgs.). **Pidgins and Creoles: an introduction**. Amsterdam: John Benjamins Publishing, 1994. p. 3-15. ISBN 978-9027252405.

PAZZINATO, Alceu Luiz; SENISE, Maria Helena Valente. **História Moderna e Contemporânea**. São Paulo: Ática, 1997. 102 p.

PRATAS, Fernanda. **Tense features and argument structure in Capeverdean predicates**. Dissertação (Doutorado em Letras) - Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 2007.

SAMARIN, William. Salient and substantive pidginization. In: HYMES, Dell (Org.). **Anais do Congresso de Pidginização e Crioulização de Línguas**, University of the West Indies, Mona, Jamaica, abril de 1968. Cambridge: Cambridge University Press, 1971. p. 117-140.

TIMBANE, Alexandre. A variação linguística do português moçambicano: uma análise sociolinguística da variedade em uso. **Revista Internacional em Língua Portuguesa**, Lisboa, n. 19, p. 19-38, 2017.

VEENSTRA, Tonjes. Creole Genesis: The Impact of the Language Bioprogram Hypothesis. *In*: KOUWENBERG, Silvia; SINGLER, John Victor (Orgs.). **The handbook of Pidgin and Creole studies**. Malden: Wiley-Blackwell, 2008. p. 219-241.

VERSTEEGH, Kees. Non-Indo-European Pidgins and Creoles. *In*: KOUWENBERG, Silvia; SINGLER, John Victor (Orgs.). **The handbook of Pidgin and Creole studies**. Malden: Wiley-Blackwell, 2008. p. 158-185.

THOMASON, Sarah Grey. Pidgins/Creoles and historical linguistics. *In*: KOUWENBERG, Silvia; SINGLER, John Victor (Orgs.). **The handbook of Pidgin and Creole studies**. Malden: Wiley-Blackwell, 2008. p. 242-261.

THOMASON, KAUFMAN, Terrence. **Language contact, creolization, and genetic linguistics**. Berkeley: University of California Press, 1988. DOI: 10.1525/9780520912793.

WINFORD, Donald. Atlantic Creole Syntax. *In*: KOUWENBERG, Silvia; SINGLER, John Victor (Orgs.). **The handbook of Pidgin and Creole studies**. Malden: Wiley-Blackwell, 2008. p. 19-47.

ZANOLI, Maria. **A checagem de 'foco' da categoria 'sujeito' no cabo-verdiano - variedade de São Nicolau**. Tese (Doutorado em Letras) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.